

ENTREVISTA: François Jost

**Diretor do CEISME na Universidade de Paris III
(Nouvelle Sorbonne)**

Por Felipe Pena (UFF) e Itania Gomes (UFBA)

“Na França, toda a emissão de rádio e de televisão é arquivada, catalogada e posta à disposição dos pesquisadores. É possível pesquisar qualquer coisa transmitida no país nos últimos quarenta anos. Há tempo para análises profundas.”

Professor catedrático da Universidade de Paris III — *Sorbonne Nouvelle*, onde dirige o CEISME, *Centre d'Études Sur l'Image Et Son Médiatiques*, François Jost é fascinado por tudo que tenha relação com a linguagem televisiva e é capaz de discorrer por horas sobre a influência norte-americana na televisão francesa com a mesma acuidade com que fala de programas populares brasileiros, como Cidade Alerta e Domingão do Faustão. Jost é autor de vários livros sobre comunicação televisiva, entre eles “Seis lições sobre televisão”, publicado no Brasil pela Editora Sulina, mas também já enveredou pelo universo ficcional no romance *Thermes de Stabies (MK littérature, 1990)*. Como roteirista, escreveu diversos programas para televisão entre 1977 e 1987, além de dirigir o premiado filme *La mort du révolutionnaire alluciné*, vencedor dos festivais de *Hyères* e *Belfort*, em 1979. Já esteve no Brasil diversas vezes para ministrar palestras, cursos e aprofundar seus estudos assistindo à televisão brasileira. Na entrevista a seguir, François Jost aborda temas teóricos e práticos sobre seu objeto de estudo, mas deixa claro seu lugar de fala: “A análise das mensagens audiovisuais está, para mim, entre a História, a Análise do Discurso e a Sociologia, onde acaba desaguando.”

Contracampo: Como é o telejornalismo francês atualmente?

François Jost: Na França, os telejornais começam por volta das 20h, indo até 20h40. Há várias emissoras e muitos estilos de telejornal. Em geral, os jornais franceses de televisão obedecem, assim como na maioria dos outros países, a uma tripla ditadura: o tempo real, a tirania do visível e a idéia paradoxal de que o comentário sobre a imagem explica tudo.

Contracampo: Você está concluindo dois livros neste momento, uma obra coletiva dos pesquisadores do CEISME, *Territoires du rire télévisuel*, e uma obra monográfica sobre o banal na televisão. Fale- nos dessas duas obras. A que preocupações elas buscam responder?

François Jost: Acabo de terminar *Le Culte du banal*, que será lançado em outubro pela CNRS Éditions. Não é um livro sobre a televisão, mas que termina pela televisão. Parto da idéia de que o século XX instaurou o banal com a entrada no museu dos *ready made* de Duchamp e que ele terminou pelo banal como *Big Brother*. Quanto aos *Territoires du rire*, é “um projeto inovador” da Paris III, que envolve os investigadores do CEISME e que ainda não está terminado. Trata-se de compreender ao mesmo tempo as formas televisuais cômicas e de ver a sua distribuição histórica ao longo da história da televisão francesa.

Contracampo: Como o livro sobre o banal se insere no seu percurso de pesquisa sobre a televisão?

François Jost. Como uma espécie de zoom para trás. Eu tinha sido surpreendido por uma citação de Fernand Léger, que sonhava, em 1924, filmar “24 horas de um casal qualquer num trabalho qualquer. (...) Os aparelhos misteriosos e novos permitem tomá-los ‘sem que eles saibam’, com uma inquisição visual aguda durante as 24 horas do dia, sem nada deixar escapar: o seu trabalho, o seu silêncio, a sua vida de intimidade e de amor”. Era a descrição de *Big Brother*! Com a única diferença de que o banal era, à época, uma reivindicação artística e hoje tem-se tornado uma espécie de exigência política. Quis ver como tinha evoluído durante o século XX este culto dedicado ao banal, que culmina na televisão de hoje.

Contracampo: Nesse novo livro, você propõe uma relação entre o banal e a pop art. Você poderia explicar isso para nós?

François Jost: Na origem deste livro há, evidentemente, *The Transfiguration of the Commonplace*, do filósofo americano Arthur Danto, que reflete sobre o acesso do objeto comum ao estatuto artístico em Duchamp e Warhol. Mas interesse-me sobretudo aqui pelo Warhol cineasta, que gostava de filmar as necessidades comuns e nomeadamente o sono, com seu filme *Sleep*. Você vê a continuidade com Léger. Warhol interessava-se pelo “comum-comum” e sonhava pôr uma câmara que espionasse os fatos e gestos mais banais em cada canto de rua. Big Brother o fez!

Contracampo: Parece-nos que o público francês é mais crítico em relação aos programas televisivos quando comparado com o público brasileiro. Qual a relação do público francês com a televisão?

François Jost: O público francês gosta muito de televisão. Atualmente, o francês assiste à televisão, em média, três horas e meia por dia. Eu acho que a maior diferença entre a audiência francesa e a brasileira é que o francês utiliza a televisão também para discutir a própria televisão. Há programas em que se discute o significado da televisão (e também do rádio) na sociedade, o que não acontece no Brasil.

Contracampo: Do ponto de vista qualitativo, qual é sua opinião sobre a produção televisiva na França e no Brasil?

François Jost: Eu penso que, do ponto de vista da sua realização e da sua formatação, a televisão francesa é muito forte e se compara às melhores do mundo. Isso também acontece no Brasil. Em relação aos programas, vejo que no Brasil há muitos programas de entretenimento como o do Faustão, que passa todo domingo à tarde e fica horas no ar. Eu diria que a qualidade dos programas que passam na França no domingo à tarde é melhor do que os que passam no Brasil nesse horário, mas esta é uma questão difícil. Isso porque é muito difícil medir e comparar a qualidade de programas em lugares diferentes, pois isso depende muito do tipo de público.

Contracampo: É muito forte a influência da televisão americana na França?

François Jost: Sim, há muita influência especialmente dos seriados americanos da Fox e da HBO. É corrente na França o discurso

que afirma que, atualmente, os seriados americanos fazem muito mais sucesso do que os filmes de ficção. Os jovens e as pessoas em geral apreciam muito. Isso pode ser observado levando-se em conta um fenômeno recente e curioso que está acontecendo dentro da programação televisiva francesa: os domingos, quando normalmente há forte transmissão de filmes, estão sendo cada vez mais preenchidos com transmissão de seriados, mais até do que filmes de ficção. A influência dos seriados também pode ser vista dentro das estatísticas. Há dez anos, por exemplo, eram os filmes de ficção que dominavam o gosto dos jovens. Atualmente esse número se inverteu, dando lugar às séries.

Contracampo: Você concebe a televisão como um sintoma da sociedade. Você se refere a isso para enfatizar a importância dos semiólogos hoje (em relação aos sociólogos, por exemplo). Você poderia nos explicar melhor essa concepção?

François Jost: Sim, penso cada vez mais em me definir como um *séméiologue*, no sentido que isto tem para a parte da medicina que estuda os sintomas. Os sociólogos da cultura frequentemente vêem os programas de televisão como o reflexo de uma situação social. Penso que estudando um programa - o seu dispositivo, o lugar “construído” do produtor, do espectador -, compreendemos o que move a sociedade em profundidade, não somente no nível “visível” (este nível pelo qual se interessam os que trabalham as minorias *visíveis*, precisamente). Um exemplo: desde a chegada dos *reality shows* às emissoras francesas, os produtores não cessam de repetir que voltam a dar a palavra “às pessoas verdadeiras” (como se houvesse as falsas!), que eles põem em causa as instituições dirigidas para e pelas elites (a justiça ou a polícia). Em 2007, Sarkozy foi eleito exatamente sobre as mesmas promessas, quase com as mesmas palavras - “voltar a dar a palavra” a “todos aqueles sem título, todos os anônimos, todas as pessoas comuns que não se quer entender, que não se quer ouvir”... O sucesso desses programas foi o sintoma de um fenômeno muito mais profundo, cujo resultado nós vimos, e, no entanto, a maior parte dos sociólogos tornou ao pé da letra a promessa das emissoras e acreditou em palavras...

Contracampo: Ao mesmo tempo, vemos em seu percurso uma maior abertura em direção a outras disciplinas, para além da semiologia - seu trabalho inicial sobre televisão era muito mais claramente o trabalho de um semiólogo enquanto hoje você se insere mais claramente

na pragmática da comunicação. Vemos também, pelo menos no trabalho do CEISME, uma abertura em relação às abordagens que outras disciplinas propõem para a televisão. No seu próprio trabalho, que disciplinas você entende que sejam as mais centrais para compreensão da TV?

François Jost: Penso ter feito este giro pragmático em 1992 com a publicação de *Un monde à notre image. Énonciation, cinéma, télévision*¹. Neste livro, eu mostrava, a propósito da “revolução romena”, que certas imagens não eram analisáveis com os instrumentos da semiologia clássica. Por exemplo, a retransmissão do processo Ceausescu mostrava imagens “congeladas” do ditador e de sua mulher (*frozen shot*). A semiologia imanentista teria concluído por um bloqueio do relato pela fixidez. Ora, tratava-se de um ato de censura (não devíamos ver os juizes) e, por conseguinte, de um ato plenamente narrativo... A análise das mensagens audiovisuais está, portanto, para mim, entre a História (daí o livro sobre os anos 70²), a Análise do Discurso e a Sociologia, onde deságua, pelas razões que acabo de dizer.

Contracampo: É possível haver uma unidade metodológica nos estudos de televisão ou isso é desnecessário, considerando-se que a diversidade deva ser contemplada?

François Jost: Bom, a diversidade é importante, mas há uma unidade fundamental que considera a análise da televisão na investigação dos programas televisivos. Ela estuda a imagem, observa o discurso e compreende a filosofia. Na França, toda a emissão de rádio e de televisão é arquivada, catalogada e posta à disposição dos pesquisadores. É possível pesquisar qualquer coisa transmitida no país nos últimos quarenta anos. Há tempo para análises profundas.

Contracampo: Nós temos muitos alunos que estudam a televisão, mas eles têm dificuldades em ultrapassar os preconceitos contra o veículo, que é taxado de superficial.

François Jost: Existe a dificuldade até mesmo na França, onde há muita análise de programas. É difícil mostrar aos alunos os programas, mesmo na biblioteca. Mas de resto, os estudantes em geral compreendem bem, há muita memória sobre isso. O problema é que há uma ruptura muito grande entre a vida das pessoas, a vida social, a vida que a televisão retrata e os estudos de comunicação. Lá em Paris

nós estamos aprofundando os estudos de comunicação e a televisão tende a ser um objeto respeitável na medida em que mais pesquisas se preocupam com o assunto.

Contracampo: No livro “Seis lições sobre televisão”, você faz uma tripla divisão conceitual na análise da estrutura televisiva. Pode explicar melhor sua teoria?

François Jost: Eu considero que todos os gêneros televisivos são construídos e interpretados em função de três mundos. O mundo real, o mundo fictício e o mundo lúdico. Minha teoria não quer substituir uma classificação antiga por outra, mais nova. É mais do que isso. Na França, por exemplo, nós temos as “télé-réalités”, que no Brasil são conhecidos como reality shows. Eles acabam sendo cada vez mais apresentados ao público como sendo realidade. E toda a luta de análise, eu diria, é no sentido de mostrar que aquilo é construído para parecer realidade. A forma como a realidade é construída por esses programas é contra a idéia do contrato de leitura, em que a ficção é explicitada. Nesse contexto, o público acaba aceitando aquilo como verdadeiro.

Contracampo: Nós diríamos que nenhuma manifestação midiática é o espelho da realidade, nem o telejornal. No máximo, são construções sociais de uma suposta realidade.

François Jost: Concordo com vocês.

Contracampo: Qual a função do telejornalismo nessa discussão em torno da realidade?

François Jost: Eu penso que o telejornalismo tenta falar da realidade, mas acho que ele deve ter uma função anterior a isso, pois o telejornalismo coloca questões que fazem parte da vida das pessoas. Acredito que a função do telejornalismo deveria ser não apenas mostrar crimes e assassinatos, por exemplo, mas fazer uma discussão do próprio telejornalismo. No Brasil, por exemplo, vocês têm um programa chamado Cidade Alerta que passa muitas informações em torno da multiplicação dos assassinatos, não só explorando o sensacionalismo, mas a própria autópsia sentimental do telespectador! E é ao vivo, dando a sensação de que os crimes estão acontecendo enquanto se assiste.

Contracampo: Você relaciona a qualidade da informação com a probabilidade de um evento. Poderia explicar essa relação?

François Jost: A questão principal é saber o que é uma imagem provável. Na minha opinião, é aquela que é extremamente forte no seu significado e na sua compreensão. Por exemplo, se eu mostro uma imagem afirmando que nevou no Rio de Janeiro, o que seria bizarro, as pessoas vão se perguntar: “mas o que está acontecendo com o mundo?”. Pois se sabe que não costuma nevar no Rio de Janeiro, onde há muito sol. Ou seja, as pessoas receberam uma informação, compreenderam bem o que ela quis dizer, mas não conseguiram entender de fato o que se passou. Na maior parte do tempo, a informação é apenas uma confirmação, ou seja, ela confirma aquilo que já é esperado e é, portanto, inútil. Se uma informação não traz nada além do que já sabemos, então ela não serve para informar, mas apenas para comover.

Contracampo: Você costuma abordar a diferença entre a violência e a imagem da violência. Qual é?

François Jost: Bem, existe uma grande diferença entre imagem violenta e a violência em si. Quando se tem uma imagem que mostra, por exemplo, a guerra no Iraque, trata-se da violência do mundo. Uma imagem violenta é aquela que mexe com a experiência sobre o mundo daquele que filma. É, por exemplo, a imagem do repórter entre os escombros do *World Trade center*, cujos movimentos de câmera traduzem o horror que ele está vendo.

Contracampo: Sendo a TV um sintoma, e já abordando um tema que sabemos que lhe é caro, como podemos interpretar as relações entre a televisão e a política francesa atual?

François Jost: No fundo, penso que a televisão francesa, não completamente privada, compartilha certa visão de mundo com os discursos políticos. Esta visão de mundo que se pode chamar de “um populismo protestante³” que recorre “ao povo” (mas a quem exatamente?) e que atribui todos os problemas da nossa sociedade às elites. Um exemplo entre mil: alguns dias antes da eleição de Sarkozy, a TF1 fez uma reportagem sobre “um falso desempregado” que vivia há 25 anos do seu auxílio desemprego, reforçando, desse modo, os discursos de Sarkozy sobre o trabalho e contra a assistência do estado às pessoas que não o merecem. Logo que foi eleito, Sarkozy nomeou para chefiar a TFI o seu antigo diretor de campanha. Penso que hoje ele tem “amizades” em todos os *media* franceses.

Contracampo: Já que falamos em política, estamos acompanhando o seu envolvimento no debate público francês em torno das eleições presidenciais e legislativas. Como você concebe as relações entre o intelectual e o poder nos dias de hoje?

François Jost: Parece-me muito importante intervir no nível que é o nosso, com as competências que nos são próprias. Tenho a possibilidade de ser frequentemente solicitado pelos meios de comunicação para analisar ou comentar tal ou qual discurso ou tal ou qual fenômeno midiático. Assim, comentei ao vivo, para uma grande rádio de informação francesa, o debate presidencial entre Nicolas Sarkozy e Ségolène Royal, destacando as estratégias de comunicação. Tudo que digo é alimentado por minhas análises universitárias e tento dizê-lo do modo mais simples possível. A maior parte dos meus colegas estabelece um corte absoluto entre o mundo da investigação e o mundo real. É uma idéia com a qual não posso concordar.

Notas

1 Paris, Ed. Méridiens-Klincksieck, 1992. Collection Méridiens Sciences Humaines.

2 JOST, François. *Années 70: la télévision en jeu*, Ed. CNRS, 2005.

3 Não no sentido religioso, mas no sentido daquele que protesta.